

SISTEMATIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA

Edson dos Santos DIAS

Ao tratarmos da representação da informação geográfica é preciso refletir sobre a importância dos diversos instrumentos de caráter cartográfico (mapas, cartas, imagens feitas por satélites, fotos aéreas, etc) que auxiliam no desenvolvimento de trabalhos na Geografia.

Os mapas sempre contribuíram para a manutenção do poder e domínio sobre o território. Para que o Homem possa dar conta da reprodução das suas condições materiais de existência, ele precisa conhecer o seu espaço. A representação desse espaço, através de mapas, vai ser uma forte aliada para que ele possa conquistar os territórios que lhe interessam.

O desenvolvimento das técnicas de representação acelerou-se, principalmente, no momento em que as necessidades impeliram algumas civilizações para a expansão de áreas em seu poder. Isso fica evidente com o resgate do contexto histórico relativo à fase conhecida como das “Grandes Navegações” europeias, no final do século XV.

Os exploradores europeus, a partir dessa época, intensificaram os deslocamentos através dos oceanos, conhecendo terras cada vez mais distantes e tendo como consequência (movida pelas necessidades) o aprimoramento de técnicas cartográficas mais sofisticadas e confiáveis, eliminando, gradativamente, as figuras ilustrativas que antes apenas constavam para preencher, no mapa, as áreas desconhecidas.

Assim, fica claro que o mapa não disponibiliza uma informação neutra, ao contrário, por ser um instrumento vital para o desencadeamento de ações estratégicas pelos vários agentes sociais, ele revela um caráter ideológico.

Na Idade Média foi utilizado pelos europeus um mapa conhecido como T dentro do O, elaborado pela Igreja a partir de interpretações das Sagradas Escrituras, representando porções da Europa, Norte da África e Oriente Médio, tendo Jerusalém como centro do mapa.

Na fase de expansão imperialista europeia, temos a configuração de um mapa-mundi (muito próximo do atual) cujo centro passa pelo Meridiano de Greenwich – ficando evidente o destaque que é proporcionado para a Europa.

Em diversos países, ainda hoje, determinados mapas e cartas considerados estratégicos são de uso exclusivo das Forças Armadas. São

instrumentos que subsidiam a tomada de decisões empregados especialmente pelo Estado, grandes empresas e, também, são utilizados por grupos guerrilheiros e mesmo terroristas.

A importância estratégica, em maior ou menor medida, conforme o tipo/objetivo de representação, confere um desenvolvimento das técnicas que atualmente encontra maior grau de sofisticação no Sensoriamento Remoto. Trata-se do emprego de aparelhos de alta precisão para captar informações (como o satélite ou avião), assim como para sistematizar essas informações – computadores e software específicos, denominados de SIG – Sistema de Informações Geográficas.

No uso de recursos de representação, vários autores destacam que a escala tem um papel fundamental na representação cartográfica. Um mapa/carta em escala grande (por ex. – 1:50.000) representará uma área pequena, porém com muitos detalhes; no caso de uma representação com escala pequena (por ex. – 1:100.000) teremos uma área maior representada, mas com menos detalhes.

Para Fernand Jolly (A cartografia) e especialmente Yves Lacoste (A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra) é preciso adequar a escala aos objetivos do trabalho, ou seja, ao tipo de informação que se deseja. Lacoste sustenta que certo fenômeno analisado em uma escala sofrerá modificação de análise se o entendimento do mesmo for procurado em outra escala.

As formas de representação da informação geográfica foram objeto de análises críticas feitas por Ruy Moreira (em artigo publicado na Revista Ciência Geográfica – AGB/Bauru, abr. 1997), no sentido de provocar maiores discussões dentro da Geografia, sobre o assunto.

Nesse artigo, o autor aborda as contribuições e limitações das formas predominantes de representações cartográficas utilizadas na Geografia. Para Moreira, o entendimento das (re)configurações espaciais no mundo atual, passa pelo acompanhamento do que representa o movimento dentro das relações sociais. No atual momento histórico, quando o capital e a informação circulam vertiginosamente rápidos pelos diversos cantos do mundo, assim como temos o aumento de fluxos de pessoas pelo país ou entre os países, o movimento torna-se importante para a análise geográfica. O autor levanta as limitações das tradicionais formas de representação, pela dificuldade dessas em captar esse movimento que possui e revela as tensões sociais da configuração da nossa sociedade.

Segundo Moreira, não se trata de negar as contribuições das formas de representação tradicionais que continuam sendo necessárias, porém, insuficientes. Seria preciso buscar a superação da “cartografia cartográfica” (sic) rumo a uma “cartografia geográfica”, mais apropriada para o entendimento do mundo de hoje pelo geógrafo, aproveitando-se do avanço técnico, mas também “cartografando conceitos”.

Consideramos a análise exposta acima como bastante providencial para a Geografia, pois, se não consta a apresentação de fórmulas reveladoras e definitivas, tem o mérito de instigar o debate crítico sobre o emprego de instrumentos de representação tão importantes nos avanços pretendidos desde que encontre interlocutores.

Referências Bibliográficas: ANDRADE, Nelson. A Cartografia contribui e contribui com a Geografia. *Revista de Geografia*, vol. 1, n. 1, p. 1-10, 1992.

ANDRADE, Nelson. A Geografia e a Cartografia: momentos de sua evolução, apropriação científica e representação do conhecimento geográfico. In: *Geografia e Cartografia: a representação do desenvolvimento econômico das “pré-geografias”* (SODRÉ, apud FERREIRA, 1995). Posteriormente, crítica-se a atribuição de designação específica para a sistematização da Geografia no século XIX, por não se tratar de uma tecnologia de representação de informação, bem como a necessidade do mundo saber interpretar a mapa para a compreensão das “implicações geográficas” (DE LACOSTE, 1997).

Os conhecimentos “pré-geográficos” podem ser entendidos como aqueles anteriores à sistematização da Geografia enquanto ciência. Desde então, a sistematização e representação do conhecimento geográfico já era possível em diversas representações cartográficas de cada e para cada uma das outras formas de homem se relacionar com a natureza. Também não se pode deixar de mencionar o conhecimento geográfico e suas diferentes formas de representação na Antiguidade, com a elaboração pelos gregos de mapas da espaço conhecido. Numa outra momento, verifica-se os mapas das rotas das viagens que comercializavam entre o Ocidente e o Oriente (ANDRADE, 1992).

¹ Texto elaborado na prova de seleção para ingresso de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente em novembro de 2001.

² Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente, E-mail: nandrade@uol.com.br.